
LISBOA GUARDIÃ DE SABER TROPICAL



EDITORAS

**CONCEIÇÃO CASANOVA &
MARIA MANUEL ROMEIRAS**



LISBOA
GUARDIÃ
DE SABER
TROPICAL



Editoras

Conceição Casanova

Departamento de Conservação e Restauro, Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Universidade NOVA de Lisboa. Campus Universitário, 2829-516, Caparica, Portugal.

LAQV-REQUIMTE - Associated Laboratory for Green Chemistry, Departamento de Conservação e Restauro, FCT, Universidade NOVA de Lisboa.

IEM- Instituto de Estudos Medievais, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa.

mccasanova@fct.unl.pt

Maria Manuel Romeiras

LEAF—Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food—Research Center, Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal.

Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (cE3c), FCUL, Universidade de Lisboa.

Academia das Ciências de Lisboa, R. Academia das Ciências 19, 1200-168 Lisboa. Portugal.

mromeiras@isa.ulisboa.pt

Revisão de texto

Conceição Casanova, Maria Manuel Romeiras, Maria Cristina Duarte e Maria Salomé Pais.

Esta primeira edição foi publicada em 2021 © 2021 e resulta do convite feito pela Câmara Municipal de Lisboa no âmbito da Lisboa Capital Verde Europeia 2020.

Créditos fotográficos

Autorias e créditos identificadas nas legendas. Especial agradecimento na disponibilização de fotografias à Universidade de Lisboa que integra a unidade especializada do Instituto de Investigação Científica Tropical (ULisboa/IICT), associada ao Museu Nacional de História Natural e da Ciência (ULisboa/MUHNAC) entre outras unidades; à Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas que integra o Arquivo Histórico Ultramarino (DGLAB/AHU); bem como ao PRISC - Portuguese Roadmap of Research Infrastructures 2014-2020, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal (<https://www.prisc.pt>).

Design

Vitor Cardoso // CWT- Communication With Taste

vc@cwtaste.com // www.cwtaste.com

1.ª Edição

Setembro de 2021

Citação do livro

Casanova, C. & Romeiras, M.M. (eds.) (2021). *Lisboa Guardiã de Saber Tropical* (p. 276). Câmara Municipal de Lisboa: Lisboa, Portugal.

Capítulo de livro (exemplo)

Várzea, V.; Pereira, A.P. & Silva M.C. (2021). "2.3. Coleções de Germoplasma do Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro". In: Casanova, C. & Romeiras, M.M. (eds.). *Lisboa Guardiã de Saber Tropical* (p. 94–101). Câmara Municipal de Lisboa: Lisboa, Portugal.



Nota Biográfica das Editoras	4		
Autores e Afiliações	6		
Abreviaturas	8		
Prefácio	11		
<i>José Sá Fernandes</i>			
Nota Introdutória	13		
<i>Conceição Casanova & Maria Manuel Romeiras</i>			
Testemunhos			
Saber Tropical na ULisboa	14		
<i>Ana Ribeiro-Barros</i>			
Redes e colaboração científica em regiões tropicais	16		
<i>Salomão Bandeira, Esperança Costa & Aladje Baldé</i>			
Coleções de História Natural como base para o conhecimento da Flora Tropical	18		
<i>Javier Francisco-Ortega, Mark Carine, Brett Jestrow & Patrick Griffith</i>			
1. Instituições de relevo para o saber tropical desde finais do Séc. XVIII			
1.1. A Academia das Ciências de Lisboa, a Ciência e as Viagens Philosophicas	22		
<i>Maria Salomé Pais</i>			
1.2. As Coleções do Instituto de Higiene e Medicina Tropical Ciência, Arte e Património	32		
<i>Paula Saraiva</i>			
1.3. Jardim Botânico da Ajuda e as primeiras explorações nos trópicos	40		
<i>Ana Luísa Soares & Ana Raquel Cunha</i>			
1.4. Saber Tropical - As coleções do Museu Nacional de História Natural e da Ciência	46		
<i>Liliana Póvoas, Ana Isabel Correia & Maria Judite Alves</i>			
1.5. Acervos científicos de origem ultramarina do Museu Geológico do LNEG	58		
<i>João Luís Cardoso & Jorge Sequeira</i>			
1.6. Sociedade de Geografia de Lisboa, viagens de exploração e investigação científica	66		
<i>Ana Cristina Martins</i>			
2. Coleções e Saber Tropical (1883-2015)			
2.1. Património do Instituto de Investigação Científica Tropical	76		
<i>Conceição Casanova & Maria Manuel Romeiras</i>			
Coleções Vivas			
2.2. Coleções do Jardim Botânico Tropical	88		
<i>Maria Cristina Duarte, Isabel Moura & Maria Manuel Romeiras</i>			
2.3. Coleções de Germoplasma do Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro	94		
<i>Vítor Várzea, Ana Paula Pereira & Maria do Céu Silva</i>			
Coleções Histórico-Científicas			
2.4. Coleções de Botânica: Herbário e Xiloteca	104		
<i>Maria Manuel Romeiras, Luís Catarino, Susana Matos, Rui Figueira, Fernanda Bessa, Eurico Martins & Maria Cristina Duarte</i>			
2.5. Coleções de Zoologia	112		
<i>Maria Manuel Romeiras, Luís F. Mendes, Susana Matos, Rui Figueira & Maria Cristina Duarte</i>			
2.6. Coleções de Ciências da Terra	118		
<i>Inês Pinto & Marta Costa</i>			
2.7. Coleções Antropológicas, Etnográficas e Arqueológicas	124		
<i>Marta Costa & Ana Godinho Coelho</i>			
Coleções no Cruzamento de Percursos			
2.8. Coleções museológicas associadas ao IICT	140		
<i>Conceição Casanova</i>			
2.9. Da dispersão de elementos à constituição de coleções	148		
<i>Patrícia Ferraz de Matos</i>			
Arquivos e Bibliotecas			
2.10. Arquivo Histórico Ultramarino: do acervo colonial ao saber tropical	162		
<i>Ana Canas Delgado Martins & Conceição Casanova</i>			
2.11. Outros Arquivos do IICT	168		
<i>Conceição Casanova, Arminda Fortes, Catarina Mateus, Rogério Abreu & Ana Canas Delgado Martins</i>			
2.12. Bibliotecas do IICT	188		
<i>Branca Moriés, Gabriela David, Maria João Machado, António Frazão Mendes & Arminda Fortes</i>			
Promoção do Saber tropical			
2.13. Difusão de ciência e acesso às coleções no Instituto de Investigação Científica Tropical	202		
<i>Conceição Casanova</i>			
2.14. “A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses”: um marco de difusão de saber tropical	206		
<i>José Eduardo Mendes Ferrão & Cândida Liberato</i>			
2.15. Saber Tropical e a Diplomacia Científica Portuguesa	218		
<i>Jorge Braga de Macedo</i>			
3. Imagens Tropicais em Perspetiva	223		
<i>Maria Cristina Duarte, Maria Manuel Romeiras, Ana Cristina Martins, Fernando Lagos Costa, Luís Mendes & Conceição Casanova</i>			
4. Árvores Tropicais na cidade de Lisboa	247		
<i>Maria Cristina Duarte, Ana Luísa Soares, Ana Raquel Cunha & Maria Manuel Romeiras</i>			
Considerações Finais	268		
<i>José Manuel Pinto Paixão</i>			
Posfácio	270		
<i>Maria Salomé Pais</i>			
Agradecimentos	272		

NOTA BIOGRÁFICA DAS EDITORAS



<https://orcid.org/0000-0001-9889-381X>

Conceição Casanova
mccasanova@fct.unl.pt

Maria da Conceição Lopes Casanova tem uma longa experiência na liderança de equipas de conservação e restauro, supervisão de projectos de investigação (cerca de 500kEUR de financiamento em curso) e de estudantes de mestrado e doutoramento (i.e., 30 alunos) na área de conservação e restauro de património Cultural, é reconhecida pelas suas publicações (3 livros, 15 capítulos de livro e cerca de 25 artigos revisor por pares em revistas internacionais) e prémios recebidos (2 prémios do Ministério da Cultura Português e da Secretaria de Estado da Educação e Ciência Ingles, respectivamente; e 2 bolsas individuais de investigação da Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Para a Ciência e Tecnologia), a conservação de vários bens patrimoniais reconhecidos, mais de 100 apresentações em conferências e organização de cerca de 30 eventos científicos e de divulgação de ciência como o consórcio Nacional da Noite Europeia de Investigadores em 2016-2017, e a Semana do Património no Instituto de Investigação Científica Tropical. Casanova realizou o doutoramento em Conservação e Restauro/ Teoria, História e Técnicas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa, uma pós-graduação em Estudos de Conservação no Camberwell School of Arts and Crafts da Universidade de Londres e a licenciatura de História / Variante de Arte e Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi consultora de instituições como a FCG-Fundação Calouste Gulbenkian e a DGMN-Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais, directora de serviços na BNP-Biblioteca Nacional de Portugal (1989-1998), nos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (1999- 2004) e no IICT – Instituto de Investigação Científica Tropical (2005-2015); e investigadora, desde 2012, nesta instituição e nos Museus da Universidade de Lisboa, onde também foi curadora de coleções tropicais. Atualmente, é investigadora do LAQV Requimte – Laboratório Associado para a Química Verde da Rede de Química e Tecnologia e investigadora convidada do IEM - Instituto de Estudos Medievais, assim como Professora Auxiliar da Universidade NOVA de Lisboa, Vice-presidente do Programa de Doutoramento de Conservação e Restauro do Património Cultural, Coordenadora do Comissão Científico do Curso de Conservação e Restauro e membro do Conselho Executivo do Departamento de Conservação e Restauro da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Desde 2018 tem sido a representante da Universidade NOVA na ENCoRE - European Network for Conservation-Restoration Education Network.

Maria da Conceição Lopes Casanova with a long experience in leading conservation and restoration teams, supervising research projects (circa 500kEUR funding ongoing) and MS and PhD students (i.e., 30 students), in the field of conservation and restoration of Cultural Heritage, is recognized by several publications (3 books, 15 chapters of books and more the 25 peer-reviewed articles in international journals) and awards (2 awards from the Portuguese Minister of Culture and from the English Secretary of State for Education and Science; plus 2 individual research grants from the Calouste Gulbenkian Foundation – FCGF and the Science and Technology Foundation - FCT), the conservation of several recognised Cultural Heritage items, more than 100 conference presentations and the organization of circa 30 scientific events and outreach initiatives, such as the Portuguese consortium of the Researchers' Night 2016-2017 and The Heritage Week at Tropical Research Institute. Casanova obtained a PhD in Conservation and Restoration / Theory, History and Techniques from the Sciences and Technology Faculty, NOVA University of Lisbon, plus a post-graduation in Conservation Studies from the Camberwell School of Arts and Crafts, London University and a History / Art and Archaeology Degree from Humanities Faculty, University of Oporto. She was consultant in institutions such as CGF and DGMN – the General Directorate of National Monuments, director of the Conservation & Restoration Departments of the BNP - National Library of Portugal (1989-1998), the National Archives / Torre do Tombo (1999- 2004) and the IICT - Tropical Research Institute (2005-2015); and researcher, since 2012, in this institution, plus the Museums of the Lisbon University where she also served as curator of tropical collections. Currently, she is Researcher of LAQV Requimte – The Associated Laboratory for Green Chemistry of the Network of Chemistry and Technology and Guest Researcher of IEM - Institute of Medieval Studies, as well as Assistant Professor at the NOVA University, Vice-president of the Ph.D. Doctoral Programme in the Conservation and Restoration of Cultural Heritage, Coordinator of the Scientific Commission of the Conservation Restoration Course and full member of the Executive Board of the Conservation & Restoration Department of NOVA School of Science and Technology. Since 2018 she has also acted as the NOVA University representative at ENCoRE - European Network for Conservation-Restoration Education Network.

LISBOA GUARDIÃ DE SABER TROPICAL



<https://orcid.org/0000-0002-9373-6302>

Maria Manuel Romeiras
mmromeiras@isa.ulisboa.pt

Maria Manuel Salgueiro Romeiras estudou Biologia na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa [FCUL], concluiu o Mestrado no Instituto Superior de Agronomia [ISA / ULisboa] e obteve o grau de Doutor em 2005 em Biologia Molecular, pela Universidade de Lisboa. Em março de 2018, foi convidada a integrar a prestigiada Academia das Ciências de Lisboa, como membro correspondente. Desde fevereiro de 2017, Maria é Professora do Instituto Superior de Agronomia (ISA), a maior e mais prestigiada Instituição de Ciências Agrárias, em Portugal. Atualmente, é membro de dois Centros de Investigação: membro integrado do “Centro de Investigação em Agronomia, Alimentos, Ambiente e Paisagem (LEAF/Laboratório Associado TERRA)” e colaboradora do “Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (cE3c/FCUL)”. É também membro do recentemente criado “Colégio Tropical (CTROP)”, que visa fomentar a investigação tropical entre várias faculdades da Universidade de Lisboa. Maria recebeu um prestigioso prémio internacional do “Fundo de Conservação de Espécies Mohamed bin Zayed” pela liderança em iniciativas de conservação, e sua contribuição para o estudo da flora de Cabo Verde (em 2012). Em março de 2019, foi distinguida pela Ciência Viva. Fundação para a Ciência e Tecnologia - FCT) no livro “Mulheres na Ciência”, que homenageia as mulheres cientistas em Portugal. Recentemente, Maria foi convidada para integrar, como Vice-Presidente, a Rede Internacional da “IUCN Species Survival Commission (SSC) Macaronesian Islands Plant SG (MIPSG)” para liderar o grupo de Cabo Verde. Nos últimos anos, Maria publicou mais de 20 capítulos de livros e mais de 60 artigos em revistas científicas internacionais com arbitragem. Além disso, tem disseminado ativamente sua investigação científica com mais de 150 apresentações em conferências, tendo sido convidado para membro da Comissão Organizadora de mais de 10 Congressos Internacionais. Atualmente, supervisiona vários alunos de pós-graduação (i.e., 10 alunos de Doutorado e vários alunos de Mestrado). Tem participado em vários projetos de investigação, tendo sido nos últimos anos Investigadora Principal em dois projetos da FCT focados no estudo da Diversidade e Conservação de Plantas Tropicais, nomeadamente o projeto “CV-Agro biodiversidade” recentemente financiado (298kEUR) pela Aga Khan Development Network (AKDN) e FCT. Maria foi Vice-Diretora do Jardim Botânico Tropical (Universidade de Lisboa) e em 2020, foi nomeada como curadora do “Parque Botânico da Tapada da Ajuda” (PBTA/ ISA), que representa um espaço natural único de vegetação local de Lisboa, com ca. de 100ha.

Maria Manuel Salgueiro Romeiras studied Biology at the Faculty of Sciences, University of Lisbon [FCUL], completed her MSc Degree at the Instituto Superior de Agronomia [ISA/ ULisboa] and obtained her PhD degree in 2005 in Molecular Biology, at the University of Lisbon. In March 2018, Maria joined the list of prestigious corresponding members of the Academy of Sciences of Lisbon. Since, February 2017, Maria is Professor at Instituto Superior de Agronomia (ISA), the largest and best qualified faculty in Portugal for graduate and post-graduate degrees in the Agricultural Sciences. Currently, she is a member of two Research Centres: full member of “Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (LEAF/Associated Laboratory TERRA)” and collaborator of the “Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (cE3c/FCUL)”. She is also member of the recently created “Tropical College (CTROP)”, which aims to foster tropical research among ten faculties of the University of Lisbon. Maria has received a prestigious International award from the “Mohamed bin Zayed Species Conservation Fund” for leadership in conservation initiatives, for her contribution to the study of Cabo Verde’s flora (in 2012). In March 2019 she was distinguished by Ciência Viva (Portuguese Foundation for Science and Technology - FCT) in the book “Women in Science”, which pays tribute to women scientists in Portugal. Recently, Maria was invited to join the Vice-Chair of International network of “IUCN Species Survival Commission (SSC) Macaronesian Islands Plant SG (MIPSG)” to lead the Cabo Verde group Maria has published over 20 book chapters and more than 60 peer-reviewed papers in international journals. Also, she has actively disseminated her scientific research through more than 150 conference presentations and sat on the organizing committees of over 10 International Congresses. Currently, she supervises several graduate students (e.g. 10 PhD students and several MS-students). Maria has participated in several research projects, more recently as Principal Investigator in two FCT projects focused on the study of Tropical Plant Diversity & Conservation. She currently leads the project “CV-Agro biodiversity” funded (298kEUR) by the Aga Khan Development Network (AKDN) and FCT. Maria was Deputy-Director of the Tropical Botanical Garden (University of Lisbon) and in 2020, she was nominated curator of the ‘Tapada da Ajuda Botanical Park’, which represents a unique natural space of local vegetation that is considered one of the Lisbon’s most significant natural resources and is spread over a large surface 100ha (Instituto Superior de Agronomia ISA).

AUTORES E AFILIAÇÕES

EDITORAS

Conceição Casanova. LAQV-REQUIMTE, Departamento de Conservação e Restauro, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal.

Maria Manuel Romeiras. Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (LEAF), Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA/ULisboa) & Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (cE3c), FCUL & Academia das Ciências de Lisboa (ACL), Lisboa, Portugal.

AUTORES

Aladje Baldé. Universidade Jean Piaget, Bissau, Guiné-Bissau.

Ana Canas Delgado Martins. Arquivo Histórico Ultramarino/DGLAB & Centro de História, Faculdade de Letras, ULisboa, Portugal.

Ana Cristina Martins. Instituto de História Contemporânea NOVA FCSH - Polo da Universidade de Évora & Centro de Arqueologia (UNIARQ), ULisboa. Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, Portugal.

Ana Luísa Soares. Jardim Botânico da Ajuda (JBA/ISA) & Research Centre in Biodiversity and Genetic Resources (CIBIO/InBIO), Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Portugal.

Ana Godinho Coelho. Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), ULisboa, Portugal.

Ana Isabel Correia. Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (cE3c), Faculdade de Ciências, ULisboa, Portugal.

Ana Paula Pereira. Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro (CIFC/ISA) & Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (LEAF), Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Portugal.

Ana Raquel Cunha. Research Centre in Biodiversity and Genetic Resources (CIBIO/InBIO) & Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (LEAF), Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Portugal.

Ana Ribeiro-Barros. Colégio Tropical/ULisboa & Forest Research Centre (CEF), Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Portugal.

António Frazão Mendes. Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), ULisboa, Portugal.

Arminda Fortes. Centro de Documentação da APEI - Associação de Profissionais de Educação de Infância.

Branca Moriés. Museus da ULisboa e unidade especializada do IICT / Bibliotecas e Arquivos, Lisboa, Portugal.

Brett Jestrow. Fairchild Tropical Botanic Garden, Coral Gables, Miami, Florida, USA.

Cândida Liberato. Instituto de Investigação Científica Tropical, (IICT/ULisboa), Portugal

Catarina Mateus. Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), ULisboa, Portugal.

Eurico Martins. Instituto de Investigação Científica Tropical, (IICT/ULisboa), Portugal.

Esperança Costa. Centro de Botânica, Universidade Agostinho Neto, Luanda, Angola.

Fernanda Bessa. Forest Research Centre (CEF), Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Lisboa, Portugal.

Fernando Lagos Costa. Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (LEAF), Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Portugal.

Gabriela David. Ministério da Educação, Portugal.

Inês Pinto. Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), ULisboa, Portugal.

Isabel Moura. Forest Research Centre (CEF), Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Lisboa, Portugal.

Javier Francisco-Ortega. Institute of Environment, Department of Biological Sciences, Florida International University, Miami & Fairchild Tropical Botanic Garden, Coral Gables, Miami & Montgomery Botanical Center, Coral Gables, Miami, Florida, USA.

Jorge Braga de Macedo. Nova School of Business and Economics, Universidade NOVA de Lisboa & Academia das Ciências de Lisboa (ACL), Lisboa, Portugal.

João Luís Cardoso. Academia das Ciências de Lisboa (ACL), Lisboa, Portugal.

Jorge Sequeira. Museu Geológico, Laboratório Nacional de Energia e Geologia, Lisboa, Portugal.

José Eduardo Mendes Ferrão. Professor jubilado do Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Portugal.

Liliana Póvoas. Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), ULisboa, Portugal.

Luís Catarino. Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (cE3c), Faculdade de Ciências, ULisboa, Portugal.

Luís F. Mendes. Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), ULisboa, Portugal.

Maria Cristina Duarte. Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (cE3c), Faculdade de Ciências, ULisboa, Portugal.

Maria do Céu Silva. Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro (CIFC/ISA) & Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (LEAF), Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Portugal.

Maria João Machado. Biblioteca-CDI da Faculdade de Medicina da ULisboa, Portugal.

Maria Judite Alves. Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), ULisboa & Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (cE3c), Faculdade de Ciências, ULisboa, Portugal.

Maria Salomé Pais. Secretária-geral da Academia das Ciências de Lisboa. Professora Catedrática Jubilada da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Mark Carine. Department of Life Sciences, The Natural History Museum, London, United Kingdom.

Marta Costa. Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), ULisboa, Portugal.

Patrícia Ferraz de Matos. Instituto de Ciências Sociais, ULisboa, Portugal.

Patrick Griffith. Montgomery Botanical Center, Coral Gables, Miami, Florida, USA.

Paula Saraiva. Global Health and Tropical Medicine. Instituto de Higiene e Medicina Tropical Universidade NOVA de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Rogério Abreu. Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC), ULisboa, Portugal.

Rui Figueira. Research Centre in Biodiversity and Genetic Resources (CIBIO/InBIO), Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Portugal.

Salomão Bandeira. Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Maputo, Moçambique.

Susana Matos. Instituto de Investigação Científica Tropical, (IICT/ULisboa), Portugal.

Vítor Várzea. Centro de Investigação das Ferrugens do Cafeeiro (CIFC/ISA) & Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (LEAF), Associated Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA), ULisboa, Portugal.

2.9.

DA DISPERSÃO DE ELEMENTOS À CONSTITUIÇÃO DE COLEÇÕES

Patrícia Ferraz de Matos¹⁸

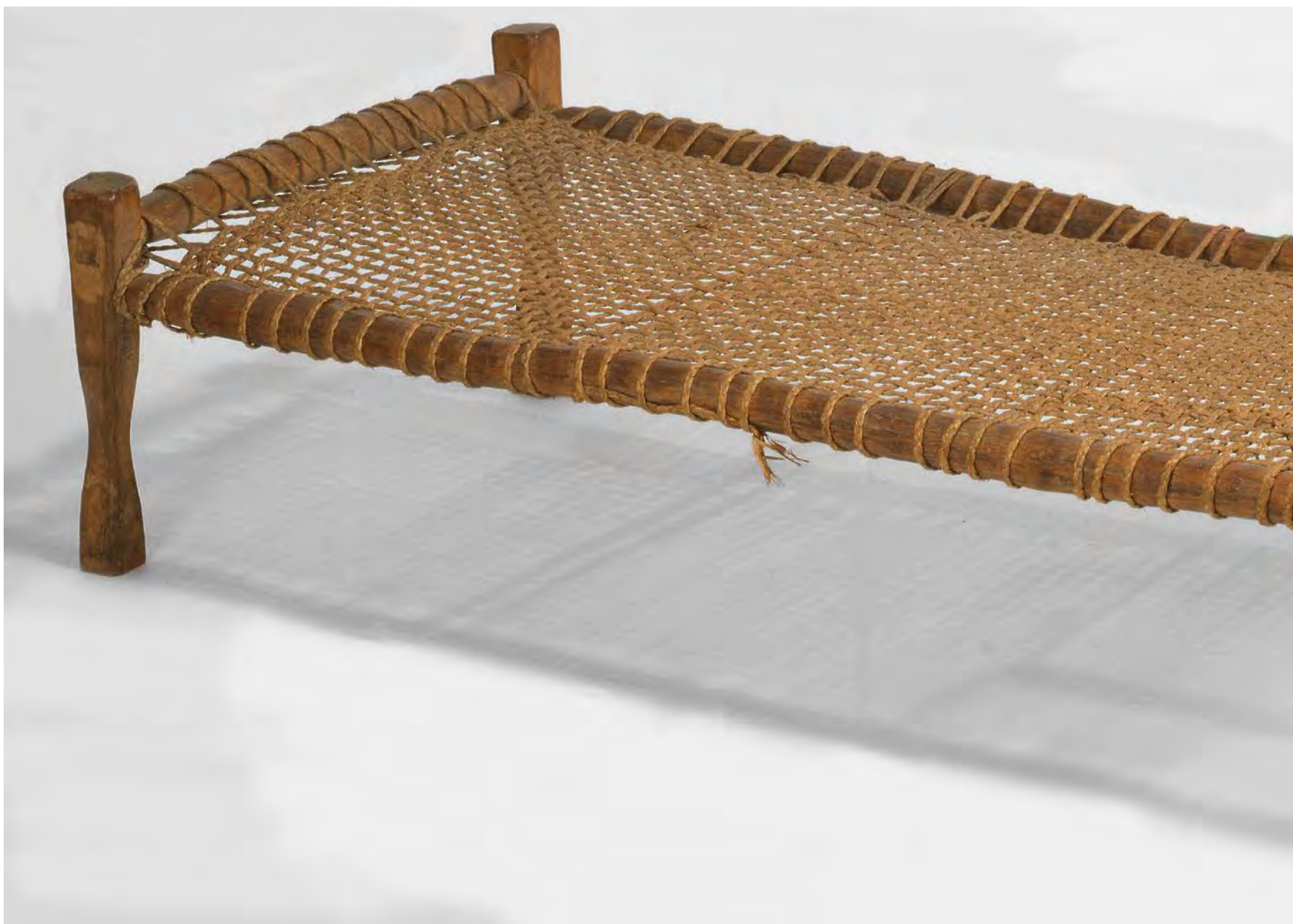


Figura 1. Cama (madeira e folhas e palmeira). Autoria: Maconde/ Abubu, Moçambique, século XX. Museu Nacional de Etnologia, 2001. Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica © DGPC/ADF. Foto por José Pessoa.

¹⁸Trabalho realizado com o apoio da FCT (SFRH/BPD/91349/2012).

Introdução

Este capítulo tem como objetivo destacar exemplos que estiveram ligados à Universidade do Porto (UP), e a outros locais da cidade que a acolhe, no que respeita à recolha de objetos, artefactos e restos humanos e à constituição de coleções em sociedades científicas e museus. Os exemplos referidos passarão pela Sociedade Carlos Ribeiro, pela Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAEE), pelas Faculdades de Letras (FL) e Ciências (FC) da UP e pelo Museu de História Natural da UP (MHNUP).

O texto procurará estabelecer a ligação de António Augusto Esteves Mendes Correia (1888-1960) às coleções e aos organismos antecessores do Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) nomeadamente da Junta das Missões Geográficas e de Investigações coloniais (JMGIC) (depois Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar - JMGIU), a partir da UP. As coleções que estavam na UP e que passaram a estar integradas no IICT foram sobretudo obtidas através das missões antropológicas impulsionadas pelo próprio Mendes Correia nos anos 30 do século XX. Por outro lado, algumas coleções que pertenceram ao IICT estão neste momento no Museu Nacional de Etnologia.

Mendes Correia foi um dos fundadores da SPAEE (1918) (Fig. 2) e o principal mentor da Escola de Antropologia do Porto. No seu contexto de atuação, e além dos esforços movidos no sentido de promover a antropologia como disciplina universitária, procurou reunir diversos elementos que pudessem ser estudados pela comunidade científica. O estímulo para a recolha de exemplares viria a ser alcançado, por exemplo, através da constituição de equipas de trabalho na UP, da criação de missões antropológicas às então colónias e dos seus discursos na Assembleia Nacional (AN), durante o período em que foi deputado (1945-1957). Graças às suas diligências e dos seus colaboradores, assim como de outros atores que lhes foram contemporâneos, foi possível reunir um espólio considerável passível de ser estudado e de contribuir para os avanços da investigação científica no país.



Figura 2.
Logotipo da SPAEE.

Primórdios

A partir de meados do século XIX começaram a surgir tentativas para a constituição de museus de etnografia e antropologia, assim como instituições a eles ligadas. Paralelamente, assistiu-se à criação de escolas, sociedades científicas, institutos de investigação e revistas de especialidade, que contribuíram para institucionalizar várias disciplinas, como a antropologia. Contudo, apesar da recolha sistemática de objetos exóticos ter surgido apenas no século XIX, as cortes europeias já dispunham de coleções importantes, vindas de países longínquos, sendo algumas depois integradas em gabinetes e museus.

Um exemplo que se destacou foi a Sociedade Carlos Ribeiro. Fundada em 1888 tinha, de acordo com os seus estatutos, o objetivo de “promover conferências públicas, fazer publicações periódicas e avulsas, organizar museus e exposições” (Correia 1941, 9). Teve como membros fundadores: Júlio de Matos (1856-1922); Basílio Teles (1856-1923); Rocha Peixoto (1866-1909); Artur Fonseca Cardoso (1865-1912); Xavier Pinheiro (1863-1889); Baptista Barreira (1866-1938); e Ricardo Severo (1869-1940).

Esta sociedade, cuja atividade decorreu até 1898, dividia-se em quatro secções (1. Geologia e Paleontologia; 2. Zoologia e Botânica; 3. Antropologia; 4. Etnografia), revelando interesse tanto pelo estudo dos factos naturais, como pelo estudo dos factos sociais. Os sócios manifestaram desde o início um interesse especial por temas ligados à antropologia e aos museus. Logo em 1888, Rocha Peixoto publicou numa edição da sociedade um estudo sobre o Museu Municipal do Porto, apelando à necessidade da “criação de laboratórios especiais e duma secção de antropologia anexa àquele Museu” (Correia 1941, 11); Peixoto viria a ser diretor desse museu, sucedendo a Eduardo Augusto Allen (1824-1899), entre 1900 e 1909.

O volume II (1890) da Revista de Ciências Naturais e Sociais, órgão da referida sociedade (entre 1889 e 1898), publicou um artigo de Ricardo Severo sobre o Museu de Mineralogia, Geologia e Paleontologia da Academia Politécnica do Porto. E o volume III (1895) publicou uma notícia de Fonseca Cardoso sobre a estação cheleana de Vale de Alcântara (Campolide), cujo espólio lítico, conservado pelo autor, veio a pertencer ao Museu de Antropologia da FCUP, hoje integrado no MHNUP. De notar ainda que entre finais do século XIX e inícios do século XX, a Revista de Ciências Naturais e Sociais, assim como a Portugália, que lhe sucedeu, e a Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), eram as únicas organizações portuguesas que faziam parte da rede de instituições científicas a corresponder-se com a Société d'Anthropologie de Paris (Roque 2001, 250).

Fonseca Cardoso foi mobilizado para a Índia em 1895. A permanência naquele território, como oficial da campanha dos Ranês, levou-o a fazer observações “no vivo”, que publicou em 1897 no artigo O indígena de Satari na Revista de Ciências Naturais e Sociais. Nesse contexto, obteve seis crânios hindus de Sanquelim e Cudnem, doados depois ao Museu de Antropologia da FCUP, que foram objeto de estudo por Mendes Correia (1916-1917). Os escassos recursos da Sociedade Carlos Ribeiro não permitiram a realização de um grande projeto institucional, ou um considerável “inquérito antropológico” ao povo português, como os anteriormente desenhados por Paul Topinard (1830-1911). Não obstante, conseguiram reunir uma biblioteca especializada, em resultado sobretudo de permutas, e uma coleção de ossos e crânios.

Mendes Correia: uma figura central ligada à UP e à SPAE

Foi Mendes Correia¹⁹ (Fig. 3), arqueólogo e antropólogo com formação em medicina na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, que desbravou caminhos para que a antropologia existisse como disciplina académica na UP. No ano em que se licenciou (1911) inicia a carreira docente como segundo-assistente do 2.º grupo (ciências biológicas) da 3.ª secção (ciências histórico-naturais) da recém-criada FCUP. Em 1912, na mesma faculdade, iniciou o ensino da antropologia e criou o museu e o laboratório antropológicos que, pelo Decreto-lei n.º 9344, de 29 de dezembro de 1923, e portaria de 21 de janeiro de 1931, foram considerados um instituto de investigação científica designado por Instituto de Antropologia da Universidade do Porto (IAUP). Entre 1929 e 1935, e como professor catedrático do grupo

de mineralogia e geologia, foi diretor da FCUP. Em 1936 passou a professor catedrático do 3.º grupo (zoologia e antropologia) onde se manteve entre 1936 e 1960. De 1926 a 1958 foi diretor do Museu e Laboratório de Antropologia e de 1934 a 1936 foi diretor do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, sendo responsável pela sua transferência para novas instalações e pela criação das Publicações do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico, onde também colaborou (Correia 1936).

Adicionalmente, esteve ligado à FLUP. A atual FLUP corresponde à segunda fase de uma instituição que existiu entre 1919 e 1928 e reabriu, após ter sido extinta, no ano letivo de 1962-1963 em resultado do Decreto-lei n.º 43 864, de 17 de agosto de 1961. Enquanto professor contratado do 5.º grupo (ciências geográficas), Mendes Correia lecionava várias disciplinas entre 1919 e 1928. Na FLUP fez parte do Conselho Escolar a partir de 1919 e do Conselho de Redação da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde 1920 (Pina 1966, 143). A 2 de dezembro de 1925 o Conselho Escolar concedeu-lhe o grau de doutor em Letras na área de ciências geográficas (UPorto 2010). A extinção da FLUP ocorreu em 1928. Numa sessão da Assembleia-Geral da UP, a 21 de abril de 1928, Mendes Correia e Aarão de Lacerda (1890-1947), entre outros, insurgiram-se contra o encerramento da FLUP, mas não puderam evitar tal desfecho. Após a extinção da FLUP, Mendes Correia ficou encarregue de cuidar dos destinos do acervo que pertencia à faculdade, incluindo o Museu de Arqueologia Histórica. Juntamente com Luís Cardim (1879-1958), faz o levantamento dos espólios que integravam o Museu de Arqueologia Histórica e de Etnologia, e a Galeria de História de Arte da FLUP, e encarrega-se da sua transferência para o Museu de Antropologia da FCUP criado pelo próprio.

Mendes Correia foi também fundador (1918) e um dos principais mentores da SPAE. Nesse processo contou com o apoio de figuras mais velhas como: o médico e antropólogo Luís Bastos de Freitas Viegas (1869-1928); o professor de zoologia Aarão de Lacerda (1863-1921); e o professor da Academia Politécnica e da UP Bento Carqueja (1860-1935). Embora independente, a SPAE veio a estar ligada ao IAUP durante vários anos.

Segundo um dos pontos do artigo 1.º dos estatutos da SPAE de 1918, esta sociedade procura, entre outras atividades, organizar coleções antropológicas, arqueológicas e etnográficas (SPAE 1918, 3-4). De facto, veio a ser um local de reunião de elementos e coleções, como o espólio da Sociedade Carlos Ribeiro e da revista Portugália, que Bento Carqueja ofereceu à SPAE. Contudo, na Assembleia-Geral da SPAE de 28 de dezembro de 1927 decidiu-se que o espólio desta sociedade seria transferido para o IAUP (Fig. 4) e, por inerência, para o Museu de Antropologia da UP. Também a coleção de objetos do capitão de infantaria Fonseca Cardoso e o seu espólio científico foram doados pela família ao IAUP em 1915 (Correia 1941, 17). Dele faziam parte registos de numerosas “observações antropológicas” em Angola, Timor e Porto, que Mendes Correia utilizou posteriormente (1916a, 1916b, 1916c, 1918). Este último não conheceu pessoalmente Fonseca Cardoso, mas foi amigo de um dos filhos - Armando da Fonseca Cardoso. Terá sido essa amizade que o levou a tomar conhecimento dos escritos não publicados do pai e do conjunto de objetos que possuía. Em 1936 o museu compra também a caixa antropométrica do capitão.

Inicialmente, o Museu de Antropologia da UP misturava a arqueologia pré-histórica, proto-histórica e luso-romana, a etnografia e a antropologia física, sendo constituído por pequenas salas existentes no último andar do edifício da FCUP. Segundo Mendes Correia, foi aí que se “amontoaram durante anos os materiais reunidos e se trabalhou nas piores condições possíveis de instalação” (1941, 16). Quando os membros do Congresso Internacional de Antropologia de 1930 visitaram o museu, ainda encontraram as instalações assim, mas tal situação foi modificada a partir de 1935 com a passagem do IAUP, e do museu e laboratório, “para as dependências do andar térreo e do entressolho do edifício” (Correia 1941, 16).

Na altura da reestruturação, as três secções (antropologia, arqueologia e etnografia), com coleções de “antropologia étnica e zoológica” e de “etnografia colonial”, foram organizadas “em dois salões, com galerias, um de Antropologia geral e metropolitana, outro de Antropologia colonial” (Correia 1941, 34). No primeiro salão encontrava-se a coleção de Alpiarça, da Idade do Bronze e a coleção mesolítica dos concheiros de Muge (em resultado das explorações de 1930, 1931, 1933 e 1937). Do segundo faziam parte “as indústrias líticas pré-históricas descobertas por Santos Júnior em Moçambique, (...) espécimes de pinturas

¹⁹Para obter mais informações sobre Mendes Correia, vide Matos (2012).

rupestres da mesma província, (...) séries craniológicas da Guiné, Angola e Índia, um (...) grupo de esqueletos de gorilas, reunidos e oferecidos pelo Dr. Liz Ferreira" (Correia 1941, 35), entre outros elementos provenientes de São Tomé e Príncipe, Macau e Índia.

O espólio do museu foi sendo enriquecido, ao longo do tempo, com material proveniente de doações e de investigações desenvolvidas no âmbito de escavações dirigidas por Mendes Correia ou pelos seus colaboradores. Para esse conjunto contribuíram também: Ricardo Severo, Camarate França, Hipólito Cabaço, Vergílio Correia, Eugénio Jalhay, Jean Roche, Carlos Teixeira, Russel Cortez e Agostinho Isidoro. Esse acervo foi alargado com os materiais provenientes das missões antropológicas, promovidas por Mendes Correia nos anos de 1930, e com as coleções provenientes dos museus da FLUP - extinta em 1928 - que foram transferidas a partir de 1940 para os museus da FCUP com a sua própria intercedência.



Figura 3.
Mendes Correia, anos 30 © Casa Alvão.

A diversidade do acervo está relacionada com a história do IAUP e com a forma abrangente como Mendes Correia via a antropologia, assim como com os seus múltiplos interesses. Desde o seu falecimento, em 1960, que o Museu de Antropologia da UP não registou um significativo incremento. Dessa data em diante alguns elementos terão sido incorporados também em museus municipais e em museus locais, ao invés de museus universitários (Cunha 2012, 155).

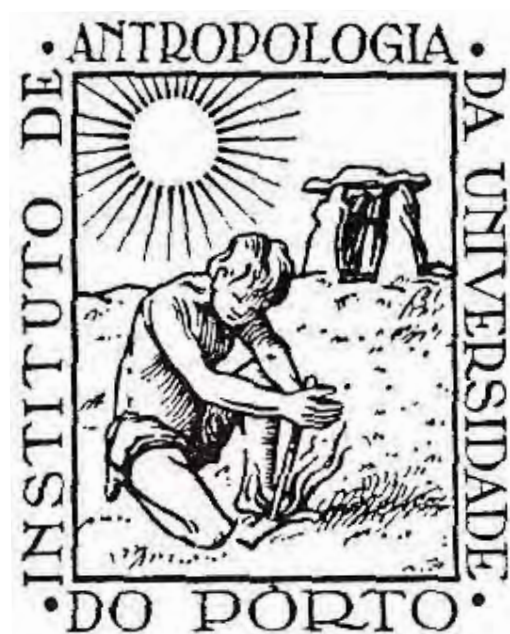


Figura 4.
Logotipo do IAUP.

Missões antropológicas e outras iniciativas no terreno colonial

Mendes Correia impulsionou o que designou por “antropologia colonial” tanto no laboratório como no terreno. Este campo de estudos registou, contudo, algumas incursões anteriores. É o caso dos levantamentos de Fonseca Cardoso, publicados por Mendes Correia, ou de Américo Pires de Lima (1886-1966), licenciado em medicina (1911) e professor de ciências biológicas na FCUP, que integrou, como médico, uma expedição militar ao norte de Moçambique durante a I Guerra Mundial (1916-1917). Durante o tempo livre da sua estadia em Palma e Mocímboa da Praia, estudou a flora, a fauna e analisou os indivíduos locais, no âmbito de uma missão que lhe foi confiada pelos colegas da FCUP. Tal pesquisa teve apoio estatal, dos colegas (em especial os professores de ciências biológicas Gonçalo Sampaio (1865-1937) e Augusto Nobre (1865-1946) e das autoridades locais. Como era médico e, por isso, especialmente dotado para elaborar estudos antropológicos, entre as suas atividades paralelas, além de juntar espécimes botânicos, zoológicos e objetos maconde, que doou ao museu do IAUP, reuniu dados fisionómicos e mensurações de cerca de 170 moçambicanos (Martins 2006).

Tal interesse viria a ser reforçado durante o Estado Novo, tendo aí Mendes Correia um papel fundamental, ao participar na elaboração de um programa impulsionador da investigação científica nos espaços ultramarinos, que proporcionou a realização de missões antropológicas a territórios de África e Timor a cargo de investigadores do IAUP, não se tendo registado algo idêntico, por exemplo, na Escola de Antropologia de Coimbra.

O estudo sistemático e organizado das colónias passou a ser apoiado pelo Estado com a criação das ditas missões, por proposta de Francisco Vieira Machado, ministro das Colónias (de 1936 a 1944). Estas investidas ficavam dependentes de organismos antecessores do IICT, nomeadamente da JMGIC (criada em 1936) e que constituía uma ampliação da antiga Comissão de Cartografia (criada em 1883), de cuja tradição era herdeira. A JMGIC dependia do Ministério das Colónias e foi apenas reformada, em 1946, pelo ministro das Colónias Marcelo Caetano (entre 1944 e 1947), passando então a ser presidida por Mendes Correia; era independente da Junta de Educação Nacional, mas procurou partilhar com esta o pessoal e o equipamento dos institutos universitários e outros estabelecimentos escolares e científicos metropolitanos (Correia 1945, 4). Posteriormente, foi criada a missão a Moçambique, com seis campanhas (1936, 1937-38, 1945, 1946, 1948 e 1955-56) chefiadas por Santos Júnior; uma outra à Guiné, chefiada por Amílcar de Magalhães Mateus, com campanhas em 1945, 1946 e 1947; outra ainda a Angola, chefiada por António de Almeida com campanhas em 1948, 1950, 1952 e 1955; e, por último, a Timor, também chefiada por António de Almeida, com campanhas em 1953, 1954, 1957, 1963, 1964, 1968, 1969, 1974 e 1975.

A maioria das campanhas científicas veio a realizar-se depois de 1945, após a reforma da JMGIC. Por outro lado, passou a ter como objetivos principais a melhoria das condições de vida de “indígenas”²⁰ e colonos, a exploração eficiente dos territórios colonizados e a contribuição para aumentar o conhecimento científico, passando a contemplar sobremaneira os conteúdos relativos às questões socioculturais. Com efeito, o trabalho das últimas campanhas da missão antropológica de Moçambique (Fig. 5) descreve aspetos de índole sociocultural, como os relativos à alimentação, ou à cultura material (habitações, adereços), mas estes elementos não são sistematizados ou analisados, nem a estrutura social emerge. Esta missão reuniu, todavia, diversos materiais (hoje à guarda do IICT, embora alguns estejam ainda na UP) que desde o início dos anos de 1990 têm sido objeto de inventário e estudo por Ana Cristina Roque (2010), por exemplo. Denota-se, assim, que apesar de as missões se terem dirigido a outros territórios, houve um investimento especial em Moçambique, tendo sido a que teve uma maior permanência no terreno e da qual resultaram mais recolhas.

Mais tarde foi dedicada atenção a Timor, com campanhas entre 1953 e 1975. Em 1953, Mendes Correia esteve durante um mês em Timor (Correia 1955) e averiguou as condições para a instalação de um “Centro de Estudos local”²¹. O centro de investigação em Timor seria ainda criado em 1953 e as áreas de investigação reuniam a antropologia física, a pré-história, assim como a recolha de elementos variados – número de filhos, mutilações étnicas, línguas, alimentação e outras práticas culturais. A partir de 1953 uma equipa de antropólogos, coordenada por António de Almeida, desenvolveu no local um novo estudo, tendo trabalhado com Mendes Correia, Ruy Cinatti, entre outros. Assim,

apesar da predominância dos estudos antropométricos, as missões permitiram também a recolha de outros elementos, como pinturas rupestres, bens arqueológicos, desenhos, fotografias e objetos. Além das publicações, foram realizados documentários, no âmbito das missões a Angola, Moçambique e Timor, à guarda do IICT.

O projeto colonial de Mendes Correia viria a ser desenvolvido em outros locais. Durante o período em que foi deputado à AN (1945-1957), defendeu o conhecimento e a preservação do património existente no ultramar. Segundo o próprio, apesar das “coleções dispersas e modestamente apresentadas na SGL, na Universidade de Coimbra, no IAUP”, era necessário ter um museu colonial e instituir, “tanto na metrópole como nas próprias colónias (...) museus de artes e tradições indígenas” (sessão de 3 de março de 1949).

Ao mesmo tempo que o trabalho das missões antropológicas vai sendo desenvolvido, Mendes Correia ocupa cargos em outras instituições que tinham como objetivo o desenvolvimento de estudos antropológicos (CEEP, JMGIC, ESC e SGL) (Matos 2012). Em 1957 foi criada na JMGIU (presidida por Mendes Correia) a Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português (MEMEUP), da qual fizeram parte Jorge Dias (1907-1973) (chefe), Margot Dias (1908-2003) e Viegas Guerreiro (1912-1997) (assistentes). Durante as campanhas realizadas em África, em 1957 e 1958, e além dos trabalhos de investigação, reuniram-se cerca de 300 objetos etnográficos dos macondes (Moçambique), permitindo a realização no Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), em fevereiro de 1959 (um ano antes de Mendes Correia falecer), da exposição Vida e Arte do Povo Maconde (Fig. 1, 9 e 10). Esta coleção constituiu o núcleo inicial de um museu, que tinha essencialmente um caráter pedagógico, instalado no subsolo do então Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (ISEU) situado na Praça do Príncipe Real em Lisboa. O museu, composto pelo conjunto original e por várias aquisições que se lhe seguiram (provenientes de missões de estudo ao ultramar e de compras efetuadas a colecionadores), foi inaugurado em 1961. Designado por Museu de Etnologia do Ultramar, criou na JMGIU o Centro de Estudos de Antropologia Cultural. A 20 de novembro de 1962 inauguraram-se as instalações do museu no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (ISCSPU), entretanto transferido para o palácio da Junqueira. O Museu Nacional de Etnologia fundado em 1965 representa a ampliação do pequeno museu que funcionou inicialmente no ISEU.

O núcleo de antropologia do MHNUP

A designação de MHNUP foi atribuída em março de 1996. Este museu foi dividido em quatro núcleos cujos nomes homenageiam os fundadores dos museus dos antigos institutos da FCUP: 1. Antropologia e Pré-História Mendes Correia; 2. Mineralogia Montenegro de Andrade; 3. Paleontologia Wenceslau de Lima; 4. Zoologia Augusto Nobre. Os núcleos situam-se no edifício antigo da FCUP, onde atualmente se encontra instalada a Reitoria da UP. O MHNUP está neste momento encerrado, em virtude da requalificação dos espaços museológicos da UP. Recentemente, foram integrados no MHNUP o Jardim Botânico Gonçalo Sampaio, a Galeria de Biodiversidade e o Herbário, no que constitui um novo polo deste museu noutra zona da cidade. O núcleo de antropologia do MHNUP dispõe de uma sala de exposição permanente e diversas salas de reserva, sendo o seu espólio desconhecido de grande parte do público e do meio académico.

Segundo Maria José Cunha (2012), curadora do núcleo de antropologia até 2014, a catalogação do espólio suscitou, desde o início, alguns problemas relativos aos inventários existentes, que se prendem com: a sua diversidade (incompletos e com conteúdos diferentes); as distintas formações dos indivíduos que os elaboraram; os períodos temporais em que foram criados. As condições ambientais (temperatura, humidade e presença de insetos) dos espaços onde se encontram as coleções têm sido monitorizadas. Contudo, a história e a contextualização da maior parte destas coleções está ainda por fazer.

²⁰Sobre o estatuto de “indígena”, vide Matos (2013, 47-54).

²¹Carta de Mendes Correia (presidente da JMGIU), de 16 de julho de 1953, dirigida ao presidente da comissão executiva da JMGIU (Arquivo IICT, proc. 306, doc. 225).



Figura 5.
Equipa da missão antropológica de Moçambique, 1946. Centro de Memória, Torre de Moncorvo © CM Torre de Moncorvo.

Exposição Permanente

A sala de exposição permanente é dedicada sobretudo à arqueologia; corresponde ao espaço que Mendes Correia e os seus colaboradores estruturaram a partir de 1935, denominada “Sala de Antropologia Geral e Metropolitana”, e que assim permaneceu até ao final dos anos 60 do século XX, embora não fosse visitável (Fig. 6). Nos anos de 1970 sofreu uma pequena reorganização e passou a estar aberta ao público semanalmente. Essa reorganização foi feita por Huet Bacelar (antigo técnico superior do museu), na qual foi dado destaque aos artefactos arqueológicos, em consequência, provavelmente: da formação em Ciências Geológicas do referido técnico; do condicionamento do espaço existente; e do facto de aquele ter dado primazia aos objetos que melhor conhecia e mais lhe interessavam²². No início da década de 1980 foram nela efetuadas algumas obras e foi montada uma exposição, mas apenas na década de 1990 se procedeu à museografia que se vislumbra atualmente. Segundo a referida curadora, a exposição permanente estrutura-se em três secções - Paleantropologia (que inclui réplicas de crânios fósseis), Arqueologia Portuguesa e Arqueologia Estrangeira - e está organizada de forma cronológica desde a Pré-História até à época da Romanização (Cunha 2012). Da coleção referente a Portugal fazem parte peças representativas do Paleolítico, do Mesolítico (esqueletos humanos, artefactos de sílex e materiais de concheiros), do Neolítico (espólio de antas), do Calcolítico (vasos cerâmicos, artefactos líticos e ósseos) e vários objetos (de adorno e utilitários) das Idades do Bronze e do Ferro. Fazem parte do período da Romanização materiais de construção, pesos, moedas e objetos de adorno provindos sobretudo de necrópoles do Norte de Portugal. Na secção estrangeira destacam-se a “Coleção Egípcia” e uma coleção de doze vasos gregos; ambas fizeram parte da Galeria de História de Arte do Museu de Arqueologia Histórica da UP, instalada na FLUP até 1928.

A Coleção de Vasos Gregos foi estudada por Maria Helena da Rocha Pereira e por Rui Morais (Pereira e Morais 2007); enquadra-se num todo em que existe uma pequena escultura de terracota, assim como objetos pertencentes à Civilização Egípcia e artefactos da Melanésia. Estes últimos constituem a única coleção dos Mares do Sul existente em Portugal; foram estudados pelos antropólogos Mary Bouquet e Jorge de Freitas Branco, em 1983, e exibidos na exposição Artefactos Melanésios, reflexões pós-modernistas realizada no Museu Nacional de Etnologia em 1988 (Bouquet e Branco 1988). Trata-se de vários objetos, como adornos, utensílios, máscaras e esculturas, recolhidos no contexto das missões científicas alemãs, nos finais do século XIX, que deram entrada em Portugal em janeiro de 1927 e foram acolhidos na UP por intermédio de Mendes Correia. Parte desta coleção é proveniente dos locais assinalados na secção de Etnografia Estrangeira, da área Etnografia (integrada na reserva não visitável), que descreverei na secção seguinte.

A referida coleção, constituída por 102 peças egípcias, foi estudada em 1996 por Luís Manuel de Araújo (2011) com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. A sua relevância e o modo como chegou à UP merecem alguma atenção. É que em Portugal existem apenas duas coleções importantes de antiguidades egípcias. A primeira e mais vasta está no Museu Nacional de Arqueologia com cerca de quinhentas peças. A segunda, com cerca de uma centena de peças, está no MHNUP; foi oferecida pelo governo alemão em troca de centenas de peças da Assíria e da Babilónia, i.e. não foi adquirida através de compra, ou de campanhas arqueológicas (Cunha e Sousa 2006, 235).

A referida coleção da Assíria foi proveniente da operação de apreensão de navios alemães em portos portugueses durante a Primeira Guerra Mundial. Entre eles, encontrava-se o *Cheruskia* que transportava um importante espólio resultante de onze anos de escavações arqueológicas dirigidas por Walter Andrae (1875-1956), da *Deutsche Orient-Gesellschaft*, em Assur (na antiga Mesopotâmia). Em 1919, após o Tratado de Versalhes, Walter Andrae tentou recuperar esta coleção pela via diplomática. Contudo, as negociações entre as autoridades alemãs e o governo português estender-se-iam por oito anos. Por intercedência de Augusto Nobre, reitor da UP (1919-1926) e então ministro da Instrução Pública (entre março e julho de 1920, entre novembro de 1920 e março de 1921 e entre fevereiro e novembro de 1922), a coleção foi entregue à UP.

Entre os textos que consultei (Bouquet e Branco 1988; Cunha e Sousa 2006; Pereira e Morais 2007), encontrei algumas contradições e lapsos, mas procurei reconstituir estas negociações. Inicialmente desencadeou-se uma postura de devolver todo o material à Alemanha, sem exigência de condições. Esta iniciativa partiu de Mendes Correia

e teve o apoio de alguns vultos da arqueologia nacional, como Leite de Vasconcelos e Vergílio Correia. Contudo, teve a oposição do então reitor da UP, Augusto Nobre, que ordenou que o espólio fosse integrado no Museu de Arqueologia Histórica projetado para a UP. Tal museu, anexo à FLUP, foi fundado em 1922 por Damião Peres e por ele dirigido durante a sua existência efémera. Augusto Nobre convocou ainda dois assiriólogos franceses para analisar a qualidade das peças, embora não se conheça o resultado exato desse estudo (Pereira e Morais 2007, 5).

Na sequência da decisão de Augusto Nobre, os quatrocentos e doze caixotes com os materiais das escavações ficaram à guarda da UP até 1926. Nessa altura, as autoridades alemãs negociaram com Portugal a troca do espólio com cerca de seiscentos objetos provenientes da Grécia, Turquia, Próximo Oriente, China, Japão, Birmânia, África, Melanésia, América Central e América do Sul (Cunha e Sousa 2006, 237). A decisão de entrega dos caixotes à Alemanha, em julho de 1926, terá sido de Artur Ricardo Jorge, então ministro da Instrução Pública. A compensação atrás referida foi entregue na FLUP em janeiro de 1927. Porém, como a FLUP criada em 1919 foi extinta em 1928, esse espólio, por intercedência de Mendes Correia, acaba por ser entregue em 1940 ao museu do IAUP. Em 1996, com a constituição do MHNUP, a coleção foi integrada no espólio deste museu e desde essa altura encontra-se parcialmente exposta na sala de exposição permanente do núcleo de antropologia desse espaço museológico.

Reserva não visitável

De acordo com a anterior curadora, na reserva não visitável as coleções estão organizadas por áreas – Arqueologia, Etnografia, Antropologia, Osteologia não humana, Numismática, Fotografia, Filmes, Documental, Bibliográfica, Iconográfica e Instrumentos antigos – e cada área se pode dividir entre Portugal, Estrangeira ou Colonial, atendendo ao seu “sentido histórico” e ao carácter facilitador de identificação das peças (Cunha 2012, 155). Algumas das peças fizeram outrora parte da Sala Ultramarina (Fig. 7), na qual se expuseram coleções da área de Etnografia procedentes das então colónias, sobretudo as situadas no continente africano. Esta sala foi contudo desmontada e encerrada em Abril de 1974, em resultado de um incêndio, que afetou parte do edifício da então FCUP.

Na área de Arqueologia foram anotados cerca de 490 registos, estando informatizado cerca de 70% do espólio, ou seja, 23 639 peças, entre as quais se encontram peças de osteologia. Esta área divide-se entre: 1. Arqueologia Portuguesa (com 20 448 peças de Portugal informatizadas, sendo 12 220 provenientes das estações de Muge²³, mas que ainda não estão totalmente inventariadas); 2. Arqueologia Colonial (onde está registado o espólio de duas estações – Angola [não inventariada] e Índia [com uma peça], pois o acervo das estações da Guiné e Moçambique, recolhido no contexto das missões antropológicas, foi enviado para o IICT); 3. Arqueologia Estrangeira, onde estão registadas vinte e uma estações provenientes de: América Pré-Colombiana (Colômbia, México, Costa Rica e Nicarágua), Alemanha, Dinamarca, Brasil, Grécia, Babilónia, Síria, Egipto e Índia, estando as coleções de Roma, Marrocos, Argélia, Espanha e Irlanda ainda a inventariar-se (Cunha 2012, 156). Na área de Etnografia as coleções estão inventariadas e informatizadas, faltando concluir o registo fotográfico (Cunha 2012). No *Index Rerum*²⁴ estão informatizadas 1 665 peças às quais foram adicionadas sessenta e cinco peças de têxteis (sessenta e quatro portuguesas e uma chinesa). Esta área está dividida entre: 1. Etnografia Portuguesa (coleção que esteve em 2012 no Museu de Olaria de Barcelos para estudo e publicação, com 1 200 peças, maioritariamente de olaria); 2. Etnografia Colonial, com exemplares provenientes de Macau, Índia, Timor, São Tomé e Príncipe, Guiné, Moçambique (onde se salientam as peças maconde) e Angola (onde figura a coleção mais numerosa e conhecida, com peças que já integraram exposições no Musée Dapper em Paris [2010/2011], no Metropolitan Art Museum em Nova Iorque [2011], no Museu Rietberger em Zurique [2012] e no

²²Entrevista realizada a 29 de março de 2007.

²³Os Concheiros Mesolíticos de Muge (7500 a 6000 anos B.P.) são considerados o complexo mesolítico mais importante da Europa (Cunha 2012, 155); compreende o espólio antropológico, peças de arqueofauna, milhares de peças microlíticas e dezenas de peças macrolíticas de sítios extintos de fácies paleolítica.

²⁴Sistema de inventário, e de gestão de coleções e conteúdos, desenvolvido para a divulgação de acervo museológico, documental, de património material e imaterial.



Figura 6.
Museu de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, anos 40 © MHNUP.

Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro [2012]); 3. Etnografia Estrangeira (com peças provenientes de: África; África [coleção Ateneu]; China; Cáucaso; Japão; México; Uruguai; Brasil; Pérsia; Turquia; Extremo Oriente; Checoslováquia; Melanésia [Nova Guiné]; Ilhas de Salomão; Ilhas Nova Irlanda [Arquipélago de Bismarck]; Ilhas Nova Bretanha [Arquipélago de Bismarck]; Ilhas do Almirantado; e Indonésia). Na área de Antropologia encontramos a descrição de peças osteológicas humanas; de acordo com a referida curadora, foram inicialmente registadas como arqueológicas “pelo facto de as mais numerosas serem (...) provenientes de sítios arqueológicos” e por, pelo menos até 2010, “não existir uma ficha informática especialmente elaborada” (Cunha 2010, 264).

Na secção Antropologia Portuguesa encontra-se o conjunto de osteologia humana, onde figura a coleção de estudo (seis crânios e alguns ossos longos) e a coleção de aulas com 903 peças ósseas (Fig. 8). Parece existir uma relação entre as coleções ósseas

mais estudadas e os sítios arqueológicos portugueses mais significativos, pela qualidade e quantidade do espólio: Alenquer (Cadafais [Caverna dos Refugidos], Castro da Pedra D'Oiro, Caverna das Águas, Ota [Quinta das Lages]); Condeixa-a-Nova (Eira Pedrinha [Covão d'Almeida]); Elvas (Terrugem); Esposende (S. Paio d'Antas); Ferreira do Alentejo (Odivelas); Salvaterra de Magos (Muge [Cabeço da Amoreira, Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião]); Setúbal (Alcácer do Sal); Vimioso (Gruta de Santo Adrião) (Cunha 2010, 265).

Na secção Antropologia Colonial figuram coleções oriundas da Índia, Angola, Guiné e Moçambique. Da Índia existem os seis crânios de Satary, provenientes de Sanquelim e de Cudnem (perto de Sanquelim), território de Goa, colhidos e oferecidos por Fonseca Cardoso, acerca dos quais Mendes Correia publicou (1916-1917). Chegaram de Angola seis crânios e quatro mandíbulas de “negros Mossumbes” (Correia 1915), de Quissala, arredores de Novo Redondo, enviados por Claudino Nazareth Brites, sacerdote e sócio fundador da



Figura 7.
Sala Ultramarina do Museu de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, anos 40 © MHNUP.

SPAE. Da Guiné estão registados dois esqueletos completos e uma mandíbula (Cunha 2010, 265), embora Mendes Correia (1934) indique a existência de cinco crânios, dois dos quais com o esqueleto restante, pertencentes a indivíduos do grupo Papel. Associados a Moçambique estão: quatro crânios, com as respetivas mandíbulas, provenientes de Angónia (três de Angónis e um de Chipeta) oferecidos por António Liz Ferreira (Magalhães 1945); um crânio de origem desconhecida oferecido por Fernando Barros em 1948; um crânio e outros ossos (tíbia e íliaco incompletos) provenientes de Nicuadala oferecidos por Santos Júnior em 1948 (Cunha 2010), que poderão ter sido adquiridos por ocasião da sua participação nas missões antropológicas (Santos Júnior 1944, 1946).

Na secção Antropologia Estrangeira o museu reúne elementos provenientes da América do Sul e do Burkina Faso. Da Argentina existe um crânio e outros restos ósseos (de um índio do Delta do Paraná) recolhidos em 1921 e oferecidos em 1928 por Lehmann-Nitsche, da Universidade de Buenos Aires, por intermédio de Bento Carqueja. Do Brasil estão registados dois crânios e um frontal de índios oferecidos em 1929 pela família Braga Júnior

por intermédio de Augusto Nobre. E do Burkina Faso existe uma “coleção de crânios²⁵, mandíbulas e na maior parte dos casos das primeiras duas ou três vértebras cervicais”, oferecidos por Pierre Jouenne – militar e médico da Assistance Médicale Indigène em exercício na África Ocidental (Cunha 2010, 266) que tinha contactos com o Institut Français de l’Afrique Noire (IFAN). Fazem ainda parte do espólio duas múmias egípcias, que estão a ser alvo de um projeto de investigação multidisciplinar.

No que respeita às coleções osteológicas não-humanas, o museu possui: o espólio proveniente de Muge com milhares de peças; um conjunto de quatro esqueletos montados, e numerosos ossos soltos, da espécie Gorilla gorilla, recolhidos entre 1934 e 1937 por António Liz Ferreira na Floresta do Maiombe, no enclave de Cabinda, em Angola (Ferreira, Athayde e Magalhães 1945). Existem ainda esqueletos e ossos de outras espécies de primatas - babuínos, macacos do Novo Mundo, cercopitecos e chimpanzés – presentes também no núcleo de Zoologia Augusto Nobre, que integra o MHNUP (Cunha 2010, 2012).

²⁵De acordo com Maria José Cunha (2010, 266), esta coleção deverá ser a de “20 crânios senegaleses” que é referida por Mendes Correia num texto sobre o IAUP (Correia 1934, 7).



Figura 8.
Reserva do Museu de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, anos 40 © MHNUP.

Dividida em três secções (Portuguesa, Colonial e Estrangeira), a coleção de Numismática dispõe de 4 316 peças, de cerca de quarenta países, e está informatizada, embora ainda não fotografada. Na secção Portuguesa figuram, entre outros elementos, moedas romanas, medievais e da República (Cunha 2012, 158). Na coleção de Fotografia, foram inventariados cerca de 500 exemplares, mas falta ainda inventariar, organizar e digitalizar centenas de fotografias, sendo que algumas dezenas são negativos de vidro (Cunha 2012, 158). O museu dispõe ainda de uma coleção de trinta e um filmes em nitrato de celulose, que por razões de segurança foram depositados em 1997 na Cinemateca Portuguesa. Deles fazem parte filmagens realizadas em lugares de Portugal (recolhas etnográficas) e referentes aos trabalhos arqueológicos em Muge durante os anos 30 do século XX. Existe também um espólio documental, bibliográfico e iconográfico (dezenas de quadros, gravuras, etc.), mas que em 2012 não estava ainda inventariado (Cunha 2012, 159). Por fim, o museu dispõe de uma coleção de instrumentos antigos, como alguns estojos antropométricos, que embora reduzida é de valor considerável.

Todos estes exemplos demonstram: o esforço dos indivíduos que estiveram ligados à Escola de Antropologia do Porto e à SPAE em adquirirem peças para o museu antropológico; o reconhecimento que Mendes Correia tinha em termos académicos e científicos; a rede de contactos que foi sendo constituída, ao nível nacional e internacional, e que permitiu a partilha de exemplares, objetos, ossos (e outros elementos do corpo humano), livros, documentos (em diferentes suportes) e, no fundo, conhecimentos que viriam a estruturar a produção científica que marcou a primeira metade do século XX em Portugal.



Figura 9. Cântaro (barro e argila). Autoria: Chimenya, Planalto maconde, Moçambique, sem data. Museu Nacional de Etnologia, 1993. Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica © DGPC/ADF. Foto por José Pessoa.

Conclusão

As primeiras tentativas de criação de museus e sociedades científicas e de institucionalização de disciplinas académicas surgiram ainda no século XIX. Como refere Mendes Correia (1941), embora a tradição dos estudos antropológicos no Porto fosse antiga, só em 1911 o ensino da cadeira de antropologia foi instituído na FCUP. Ali surge, no ano seguinte, como uma das cadeiras da secção de ciências histórico-naturais e são criados um museu e um laboratório antropológicos (Correia 1941, 15). O museu e o laboratório são transformados em instituto em 1923. O interesse pela antropologia física, assim como pela etnologia, já vinha do tempo da Academia Politécnica, pelo menos por parte dos alunos que fundaram a Sociedade Carlos Ribeiro, a Revista de Ciências Naturais e Sociais e a Portugalia, apesar dessa sociedade já não estar em atividade quando o museu e o laboratório antropológicos são criados na FCUP. Contudo, alguns dos seus elementos colaboraram posteriormente com as tarefas do IAUP. Ricardo Severo, por exemplo, foi sócio da SPAE e o trabalho de Fonseca Cardoso contribuiu com dados para publicação e objetos, que ajudaram a aumentar o espólio do museu do IAUP.

A ação de Mendes Correia, como professor e investigador, permitiu-lhe fundar a Escola Antropológica Portuense, como a designou num texto (Correia 1941), e possibilitou a existência de condições para o ensino e a investigação nesta área. Teve um papel determinante na constituição de museus ligados à UP e foi o primeiro impulsionador das missões antropológicas às então colónias, cujos objetivos incluíam a recolha de vários elementos.

Atualmente, embora encerrado neste momento, o outrora Museu de Antropologia e Pré-História Mendes Correia encontra-se ainda no edifício da antiga FCUP, e pertence ao MHNUP. Dele fazem parte coleções arqueológicas organizadas de forma cronológica. O museu dispõe ainda, em reservas não visitáveis, de coleções provenientes do país e do estrangeiro, de uma coleção de numismática e de um espólio fotográfico e documental. Contudo, a apresentação atual do museu, ao destacar essencialmente a arqueologia, talvez não se coadune com a que Mendes Correia idealizaria para um museu de antropologia, integrador de várias vertentes, como ele a concebia, e abrangente do ponto de vista temporal e geográfico. Pela diversidade existente no museu e pelos trabalhos produzidos na Escola de Antropologia do Porto, podemos inferir a orientação que foi inicialmente adotada, que vinha, segundo o professor da UP, “dos pioneiros da Portugalia” e era “ao mesmo tempo, ampla e precisa” (Correia 1941, 36).

Tanto na cadeira de antropologia que lecionou, como no contexto de investigação, Mendes Correia procurou incentivar os alunos no que respeita à pesquisa de novos assuntos; deu ênfase à realização de trabalhos práticos, dentro e fora do laboratório, procurou arranjar meios logísticos para a sua realização e foi acompanhando esses trabalhos. Defendeu a necessidade de deslocação aos sítios onde se localizavam os objetos de estudo. Não se trata propriamente da ideia de trabalho de campo antropológico, no sentido clássico da expressão, mas da necessidade de desenvolver estudos que impliquem e incluam visitas e levantamento de dados in situ. Além da sua obra, impulsionou e esteve por detrás de várias campanhas no terreno, arqueológicas e antropológicas.

Em todos estes processos, o seu esforço em mobilizar indivíduos e em criar uma rede de contactos, constituída por especialistas nacionais e internacionais, sobretudo ligada à UP e à SPAE, mas também a outros locais do país e do estrangeiro, foi notável e permitiu que vários trabalhos de investigação viessem a ser conhecidos e citados ao nível internacional. Contudo, registou-se também um défice em termos de recursos logísticos e uma escassez de indivíduos em número suficiente, e com formação científica especializada, capazes de responder às solicitações necessárias e desejáveis. Como referi, o IICT veio a reunir parte do espólio que outrora pertenceu à UP. No entanto, o seu papel não se circunscreveu a ser apenas recetor desse espólio e estendeu-se à conservação, sistematização e análise de alguns dos seus elementos. O IICT foi, assim, sucessor de alguns organismos (dirigidos pelo próprio Mendes Correia e grandemente apoiados pelo Estado português), onde foram desenvolvidos vários trabalhos que se focaram no terreno colonial.



Figura 10. Tambor (madeira, pele, fibra vegetal). Autoria: Moçambique, sem data. Museu Nacional de Etnologia, 2001. Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica © DGPC/ADF. Foto por José Pessoa.



Centro de Documentação e Informação, Depósitos, Rua Jau, 1979 - espólio integrado na ULisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical, INV. IICT-Col.IICT 21173 © ULisboa/IICT.

LISBOA GUARDIÃ DE SABER TROPICAL





